

DAS ROSAS AOS REPOLHOS: UMA ANÁLISE SOBRE A MOTIVAÇÃO ESCOLAR NAS SÉRIES INICIAIS

Ana Paula Nunes de Santana
Maria Josefa dos Reis
Mônica Cristina Correia da Silva

RESUMO

No processo ensino aprendizagem acredita-se que a motivação deve estar presente em todos os momentos. Cabe ao professor mediar o processo de formação do aluno, influenciando-o no desenvolvimento da motivação para a aprendizagem. Verificamos, atualmente, que alguns segmentos responsáveis, direta ou indiretamente, pela educação sistematizada têm sofrido pelo efeito contrário à motivação, tema este pesquisado, estudado e refletido durante todo o nosso trabalho, tendo como foco principal o professor e o aluno. Estes segmentos são atingidos diretamente pelo caos na educação. Aquele por desconsiderar a importância de trabalhar as motivações intrínsecas e extrínsecas em benefício do aluno. Outros segmentos também têm suas parcelas significativas de responsabilidade e compromisso quanto à problematização encontrada, como alguns atores desmotivados existentes nos primeiros cinco anos de Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Motivação. Aprendizagem. Sociabilidade.

Introdução

O presente estudo aponta relevantes fatores que conduzem à (des)motivação escolar nos dias atuais, em que o processo de desenvolvimento sócio-econômico e o avanço dos recursos tecnológicos modelam um novo perfil das famílias, e conseqüentemente a postura dos alunos. Quando falamos sobre o novo modelo das famílias dos dias atuais, é porque sabemos que é desta instituição que provêm nossos alunos. E estes quando saem rumo à escola, mesmo quando pela primeira vez estão cheios de informações; claro que as informações que aqui

ressaltamos, são assistêmicas; porém decisivas para a constituição do caráter e perfil estudantil. Em contrapartida aparecem os professores, condutores da prática escolar, envolvidos em ambientes escolares que não possuem projetos pedagógicos que dêem atenção para este recente cenário, das tecnologias facilmente disponíveis para as classes populares.

Sabemos que conduzir a sala de aula, aplicar tarefas e desenvolver projetos não é tão simples, pois, os docentes dos dias de hoje precisam estar munidos de conhecimentos, metodologias e motivação para que sua dinâmica em classe, ou durante a exposição de trabalhos por eles propostos, seja atraente e eficiente. Mas, percebemos que o professor também está inserido nesse mundo onde a tecnologia compete com e em muitos momentos ofusca sua desenvoltura em sala de aula; ele também enfrenta diversas situações como: baixos salários, desvalorização profissional, falta de respeito por parte dos alunos, entre outros fatores que interferem na sua prática.

Partindo destes pressupostos, delineamos este artigo, que traz a “motivação escolar” como premissa condutora do processo de aprendizagem e como esta pode ser fomentada, por alunos e professores, em meio aos obstáculos apresentados nos dias de hoje.

O artigo estrutura-se em uma abordagem inicial sobre a metáfora “*Das rosas aos repolhos*”, sob as obras teóricas da psicologia e da psicopedagogia. Em seguida enfatiza a importância da motivação como elemento fundamental para a mudança de paradigmas nas ações de professores, alunos e demais membros da comunidade escolar, que por sua vez refletirão sobre o processo de ensino-aprendizagem. No decorrer da pesquisa bibliográfica, compreendemos a necessidade de captar o objeto em sua totalidade, reconhecendo a importância da reflexão dialética segundo regras metodológicas que conduziram à fecundidade na compreensão da temática.

Toda prática humana é motivada. Muitas vezes, as pessoas conhecem a ação que devem executar, porém desconhecem a razão que as conduzem, ou melhor, que as motivam.

Para Torre (1999 p. 09), “a motivação escolar é algo complexo, processual e contextual, mas alguma coisa se pode fazer para que os alunos mantenham seu interesse em aprender”.

A motivação é a força que promove a realização das tarefas diárias, sejam estas no campo pessoal ou no campo profissional. Para tanto é interessante entender que a motivação é um sentimento particular da pessoa. E é diante desta idéia que lançamos os seguintes questionamentos: por que tantos são os cursos oferecidos aos profissionais das mais diversas áreas com o tema, “Motivação”? Por que as escolas em seus programas se preocupam tanto em elaborar projetos, nos quais “estratégias motivadoras” são apresentadas em meios aos conteúdos programáticos? Diante deste quadro, o que deve ser feito para motivar? Como levar uma pessoa a fazer algo, mantendo-a disposta a executá-lo pela simples razão que a impulsiona viver?

Reconhecemos que atividades lúdicas e palestras trazem em sua abordagem dinâmicas de auto-estima e por isso podem ajudar e consideramos tais práticas essenciais, para “levantar o astral” ou até mesmo convencer algumas pessoas a ousar e fazer o seu diferencial, seja esta mudança de atitude em qualquer situação de sua vida. Porém, entendemos que tal mudança não ocorre se o individuo não a quiser. A motivação é uma porta que só abre por dentro.

Focalizaremos assim a motivação da aprendizagem e partindo desta idéia explicaremos o título da nossa pesquisa: *“Das rosas aos repolhos”*. Os repolhos são vegetais que apresentam poucas calorias, sendo, portanto muito indicados nos regimes; o vegetal é também considerado um laxante natural. Com todos estes atributos o repolho é um alimento um pouco desejado pela maioria das pessoas. Em se tratando da sua apresentação estética, o repolho não é um dos vegetais que espalha beleza por onde passa. Acreditamos que por esta razão o ilustre vegetal não traga consigo um histórico de versos que o enalteçam. Os textos que encontramos falando dele são irônicos e cheios de deboches. Pois, nunca vimos nenhum texto que trate o repolho como astro principal de alguma história.

As rosas são vegetais belíssimos que fazem qualquer um suspirar por seu encanto e significados positivos de amor e pureza. As rosas trazem como características um fenômeno bastante intrigante, pois, ao nascerem apresentam as pétalas fechadas e quando amadurecem têm suas pétalas abertas e muito cheirosas, mesmo quando estas pétalas caem fracas, permanecem exalando seu perfume. Assim é o professor, um profissional como outro, qualquer, (do ponto de vista meramente trabalhista), mas, tem uma função, ou seja, missão que é o seu diferencial: ele exerce grande influência sobre a formação da personalidade e do

caráter dos seus alunos. Seu modo de lidar com eles, de interagir, vai transmitir-lhes muito mais do que simples conteúdo das disciplinas e pode deixar marcas para o resto de suas vidas. Estas marcas podem ser de cunho positivo ou negativo. Quando as contribuições desempenhadas pelo professor são lembranças amargas, depreciativas e sem estímulos, podemos comparar o comportamento destes profissionais ao processo natural ocorrido com o repolho que ao nascer tem suas folhas abertas e quando prontos para serem consumidos apresentam-se com suas folhas fechadas. Assim é o professor desmotivado, se fecha em meio aos seus próprios saberes e não partilha em sua prática docente conhecimentos críticos, sustentados em descobertas prazerosas. Com a metáfora das rosas aos repolhos, levantamos pontos importantes sobre posicionamentos de alunos e professores em relação à motivação dos mesmos, vislumbrando tal atitude como fio condutor do processo ensino–aprendizagem.

Prática docente e discente x motivação

No processo ensino – aprendizagem, a motivação deve estar presente em todos os momentos. Quanto a isso, Fita (1999) explica que muitas vezes dizemos que para o aluno ter motivação em aula é importante ter um bom professor. Ouve-se também dizer que um bom professor é aquele que sabe motivar seu aluno. De acordo com esse posicionamento, Huertas (2001) salienta que toda motivação deve estar relacionada a metas e objetivos, portanto um bom professor possui metas de ensino, o que tornará o aluno motivado a aprender. Huertas (2001) afirma que as metas são desencadeadoras da conduta motivada, formam parte do núcleo imprescindível para considerar uma ação como motivada ou não. Contudo, sem desejo e metas, não há motivação. Muitos especialistas resumem toda a motivação humana em autoconservação e auto-expansão. Tudo o que na vida, o homem fizer pensar estará relacionado com estes motivos básicos, de acordo com as características inatas de cada um, com o ambiente em que vive e a educação que recebe. De acordo com o modo como ocorre a interação entre essas características da pessoa e do meio, teremos: a diferenciação dos motivos básicos de auto-conservação e auto-expansão, uma série de outros fatores, na determinação de objetivos que levam à motivação.

Todo comportamento pode ser visto como um meio para alcançar o equilíbrio. Deve-se notar, no entanto, que o homem não se satisfaz com o equilíbrio que permaneça no mesmo nível. Sua potencialidade exige concretização, normal não é o repouso, mas a ação.

Para Perrenoud (2002), a primeira grande competência do professor hoje é organizar a dirigir situações de aprendizagem, ou seja, levar em conta características, ritmos e motivação dos alunos.

Muitos são os casos em que professores recém-formados, ao saírem das academias, planejam colocar em prática todas as metodologias estudadas. Por isso, sonham com o primeiro emprego e como saem cheios de idéias, vêem o exercício da docência como oportunidade de fazer o novo acontecer, mas o tempo passa como tudo nesta vida. E, com o passar do tempo, estes professores se mostram apáticos, cansados e desmotivados. Muitas vezes são contratados excelentes profissionais e estes não produzem 1/10 do que poderiam. Sua atuação profissional é baixa diante da sua capacidade de produção. Várias podem ser as causas que o condicionam a este quadro, mas certamente a principal delas é motivação. Neste caso, o gestor da instituição deve criar um ambiente propício ao atendimento dos profissionais que estejam necessitando desempenhar bem a sua profissão. É preciso que todos os profissionais auxiliem a construção de um clima organizacional favorável. Ambiente este onde o material humano seja valorizado e capacitado para a efetivação satisfatória do aspecto profissional.

Estes procedimentos citados acima não são receitas prontas para promover a motivação dos professores; porém são atitudes que surtem efeito em instituições que têm como meta despertar o prazer e bem-estar dos funcionários em relação aos trabalhos realizados. Pois, estas entendem que o homem é um ser que precisava viver situações, onde toda a ação por ele desempenhada o conduza à demonstração e o reconhecimento do seu potencial.

Quando os alunos são crianças ou adolescentes, eles são menos numerosos e o ensino é mais interativo; há mais possibilidades de exercícios e experiências feitas por eles (e não diante deles). Entretanto, enquanto praticarem uma pedagogia magistral e pouco diferenciada, os professores não dominarão verdadeiramente as situações de aprendizagem nas quais colocam cada um de seus alunos (PERRENOUD, 2000, p. 24).

A motivação do aluno é entendida pela educação como um quadro problemático, porque, ela atinge em cheio o processo de ensino–aprendizagem. Deste ponto de partida, analisaremos alguns comportamentos de estudantes que

quando crianças eram alegres, entusiasmados e adquiriam com tanta facilidade os conteúdos apresentados em suas salinhas de aula, pelas professoras. Mas, com o passar dos anos, estas crianças se apresentam desinteressadas, desmotivadas e cada vez mais distantes de obter resultados satisfatórios em relação às tarefas escolares.

Atualmente, o que mais desperta interesse e atenção das crianças e adolescentes, são os assuntos que fogem dos conhecimentos sistemáticos ofertados pela escola, a exemplo dos jogos eletrônicos entre outros equipamentos disponíveis pelos avanços tecnológicos. Por esta razão, existem momentos que professores e tecnologia surgem como sujeitos antagônicos no cenário escolar. Sabemos que esta situação não é fidedigna; pois professores e tecnologia são aliados e, sobre este assunto, não nos estenderemos; porque o nosso foco é a motivação, enquanto combustível vital nas práticas docente e discente. E com relação a este processo, podemos dizer que os equipamentos eletrônicos podem implicar na aquisição de conhecimentos por parte de uma criança, ou melhor, de um estudante. Nos últimos tempos, a tecnologia fascina e forma adeptos, cada vez mais distantes de aceitar os desafios da escola, que traz como proposta, construir seus saberes. Nossos jovens estudantes, “moderninhos”, não desejam pensar, mas, clicar uma tecla e obter informações. Diante deste quadro, podemos apontar um dos fatores que promovem a falta de motivação para a aprendizagem. Os estudos de Perrenoud (2000, p. 68) apontam que

sem dúvida, subsiste um amplo leque de atitudes entre os professores: alguns não perdem um segundo sequer para desenvolver a motivação dos alunos e acham que ‘não são pagos para isso’. Limitam-se a exigí-la e a lembrar as conseqüências catastróficas da indolência e da reprovação.

Motivar um aluno é uma das atividades diárias do professor. Entretanto, a motivação não pode ser ensinada, nem treinada como se fosse um conhecimento, e sobre isto já falamos. Mas, sabemos que a motivação pode ser trabalhada através de estratégias de ensino, que têm como meta, inovar, direcionar e estabelecer, por meio de diferentes atividades, mudanças de comportamento. Sendo que a motivação não apenas permite resultados satisfatórios na aprendizagem, como também promove resultados positivos nas relações: professor-aluno, aluno-aluno, aluno-comunidade escolar.

Entendemos que a motivação é pré-requisito para aquisição de conhecimento. Podemos ressaltar a importância da família na aquisição de atitudes

norteadoras. Muitos são os casos que, mesmo sendo vítimas de limitações quanto às condições básicas de sobrevivência, ainda assim conseguem transmitir o respeito, a valorização e a consideração que sentem pela escola aos seus filhos, com a esperança que estes sintam e consigam fazer o mesmo.

No cenário das salas de aula, o professor é agente responsável pela motivação dos seus alunos. Contudo, para que este possa desempenhar seu papel de modo favorável, precisa abrir mão de conceitos próprios, crenças e pré-julgamentos. Ele precisa ser precursor da busca incansável do bem-estar humano, deixando claro em suas tarefas propostas que o homem é um sujeito passivo a erros e acertos, e qualquer que seja a circunstância; errar ou acertar sempre nos conduzem ao aprendizado. Aprendizado este, sobre a vida, sobre como realmente podemos nos socializar e conviver com os obstáculos presentes na caminhada, tendo como fio condutor um bom preparo motivacional.

“O substrato motivacional da inteligência e do comportamento afetivo motivacional em geral é fundamental para tudo aquilo que dissemos até o momento sobre a teoria cognitiva”. (PIAGET, 1996, pág. 77). O organismo cognoscente tem a necessidade de conhecer, e este processo faz parte da própria atividade intelectual, cuja natureza essencial consiste em funcionar. Ajudar os alunos a fazerem atribuições internas favoráveis à aprendizagem, compete aos professores. Porém eles, em muitos casos, necessitam que seus padrões sejam alterados a fim de construir expectativas adequadas em relação ao desempenho futuro do aluno. Aceitando essas crenças, causadas pelo mau desempenho, desinteresse, e condições sócio-econômicas da família, é impossível que esses professores avaliem adequadamente a influência de seus próprios comportamentos no desenvolvimento dos alunos. Sendo assim, a reflexão que os professores farão do sistema educacional e da escola dificilmente contribuirá para as alterações dos padrões e estruturas inadequadas.

Recentes estudos sobre aprendizagem e motivação nos mostram que a capacidade de aprender ou não aprender conteúdos programáticos abordados na escola está interligada a uma predisposição estabelecida pelo próprio sujeito cognoscente, ou seja, o aluno precisa estar intrínseca ou extrinsecamente motivado; pois só assim o educando efetivará de modo satisfatório e consciente os seus estudos.

A importância de aprender não é precisamente um motivo extrínseco, a parte da execução intelectual é que a impulsiona, por assim dizer. Esta necessidade é uma propriedade intrínseca que praticamente caracteriza a própria atividade de assimilação; é inerente a esta atividade desde o princípio. Tanto os órgãos biológicos quanto os psicológicos são criados através do funcionamento e, uma vez criados, precisam continuar não podendo ser separados do próprio funcionamento.

Muitas são as dificuldades enfrentadas pelos professores, na tentativa de despertar o interesse do aluno, e uma das mais importantes é informá-los da função dos conhecimentos repassados pelo sistema educacional.

A força motriz, um dos indicadores motivacionais, muito percebido no cotidiano escolar pode ser bem esclarecido a partir do exemplo: um aluno tem medo de ser reprovado, este medo pode ser e é um estímulo para que ele tire boas notas; porém isso não garante que este procedimento o leve a uma aprendizagem qualitativa. Segundo Demo (1993, p.98) citado por Luckesi,

Os professores na sala de aula, trabalham o tempo todo no plano do conhecimento; isto é, deslocando-se no que poderíamos denominar o campo minado da alta pertinência, uma vez que, além de lidarem com os conteúdos, habilidades e posturas, têm de desenvolver a instrumentalização dos alunos para que aprendam esses conteúdos, habilidades e posturas.

Para tanto, esta atitude é a esperada por conta da própria construção da aprendizagem. Pois o processo de aquisição de conhecimentos precisa ser alicerçado através de atividades planejadas nas quais o educando possa, por meio de suas próprias experiências, construir e levantar hipóteses sobre os mais diversos assuntos do mundo que o cerca. E por meio desta atitude entender a importância real do aprender. Só diante desta descoberta, podemos identificar que a aprendizagem elaborada foi qualitativa; e este é o procedimento almejado por todos que estão engajados no processo educativo.

Fatores que causam a desmotivação: dificuldade de aprendizagem

Souza (1996) afirma que as dificuldades de aprendizagem aparecem quando a prática pedagógica diverge das necessidades dos alunos. Neste aspecto, sendo a aprendizagem significativa para o aluno, este, tornar-se-á menos bloqueado, isto é, perceberá mais seus sentimentos, interesses, limitações e necessidades.

Durante muito tempo, a criança com dificuldade de aprendizagem, precisava ser assistida por um especialista. Conforme o diagnóstico tal criança era encaminhada para classes ou escolas especiais, pois, estas oferecem um atendimento diferenciado. Contudo, este processo de deslocamento decorrente da falta de interesse pelo aprender, vem de encontro a um fator motivacional da própria criança. Tendo em vista os transtornos de uma nova adaptação no ambiente escolar e novas relações com professores e colegas, em alguns casos estas mudanças promovem a desmotivação que, por sua vez, influencia nas dificuldades de aprendizagem, em relação aos conteúdos programáticos ofertados pelas escolas, sejam elas regulares ou especiais.

Sempre há uma desculpa para explicar a falta de motivação dos estudantes, preguiça, falta de desinteresse pelos estudos. Atributos deste tipo são comuns no cotidiano das salas de aula, sejam elas de escolas públicas ou privadas. Professores identificam os erros, pois tomam conhecimento sobre a falta de vontade de aprender de seus filhos, ficam nervosos, acabam enchendo seus “rebentos” de ameaças, mas, o quadro não é revertido. Parece que tal situação é um bicho de sete cabeças e que, professores, pais, especialistas e demais pessoas envolvidas com a educação não sabem qual o caminho a ser percorrido, em busca de estímulo para assim resolver tal situação. Porém o que muito nos inquieta é que poucos são os olhares que encaram a falta de motivação como atitude humana que pode ser oriunda de questões patológicas, psicológicas, traumáticas e até mesmo sociais. As desculpas que explicam a desmotivação são diversas, mas estas só contribuem para o agravamento dessas dificuldades deixando, assim, o aluno ainda com menos vontade de aprender.

Por essa razão, voltamos a falar do professor, em especial os que têm por clientela as séries iniciais. Estes precisam agir como verdadeiros observadores de comportamento, e não como meros analistas de atitudes. Quando falamos da necessidade de ter nas séries iniciais observadores e não analistas é porquê os observadores sempre vêem o objeto de estudo como algo que pode ser modificado, melhorado e participam dessa busca por melhorias. Já os analistas identificam as causas e simplesmente as notificam. Não se envolvem, nem tão pouco expressam interesse por entendê-las.

Deve-se lembrar que as crianças são diferentes, cada uma possui ritmo e características próprias. Na escola ingressam crianças com os mais diversos níveis

de dificuldades de aprendizagem, por essa razão transportamos tal diagnóstico para fatores que promovem a falta de motivação, em crianças pequenas, em idade escolar. Entre estes fatores patológicos, os que mais acometem crianças são: a desnutrição, a hiperatividade e os transtornos emocionais.

DESNUTRIÇÃO: Geralmente compromete o desenvolvimento cognitivo. Esse prejuízo é determinado pela duração e grau de desnutrição.

HIPERATIVIDADE: É caracterizada por falta de concentração, impulsividade. É um diagnóstico mais comum em meninos, em geral o paciente tem baixa auto-estima e apresenta dificuldade de socialização. Os especialistas procuram explicar a falta de concentração como consequência de algum problema ou imaturidade neurológica. Nesses casos, é importante destacar a relação professor–aluno, uma vez que a aplicação de metodologias pedagógicas é uma ferramenta identificada como possível atrativo de interesse dos estudantes, basta que cada professor dê significado a sua prática docente, utilizando as diferenças de aprendizagem e comportamento de cada aluno, como estímulos para realização positiva do seu trabalho.

TRANSTORNOS EMOCIONAIS: São sintomas por traumas na família tais como, alcoolismo, separação, violência doméstica entre outros. No quadro clínico, são diagnosticados sintomas como: ansiedade, timidez excessiva, infelicidade e atitudes manipuladas. A dificuldade de socialização é um dos fatores que impedem o sucesso na escola com relação à aprendizagem.

O estudo que desenvolvemos sobre os fatores condutores da motivação humana é muito empolgante e complexo, pois, percebemos que existe um limite tênue que permite identificar a diferença entre o atendimento produtivo de uma necessidade humana e a resolução de um problema. Pois tal solução pode ter como meta o ajuste e a elevação de estímulos motivacionais, permitindo assim que o indivíduo ao ter o seu problema solucionado aprimore seu autodesenvolvimento, conservando a sua identidade. Partindo desse pressuposto, identificamos a necessidade que cada indivíduo tem de ser olhado como sujeito resultante de diferentes acontecimentos ou vivências.

Considerações Finais

Durante o estudo realizado para a elaboração deste artigo, cujo tema é *Das rosas aos repolhos*, constatamos que a origem destes vegetais apresenta em sua essência, características relevantes, que nos instigaram a refletir como é difícil falar de educação sem voltar os olhos para o passado. É mais difícil ainda fazer educação sem se apossar de heranças filosóficas porque, desde os tempos remotos, a história é escrita por aqueles que a determinam e narrada por aqueles que tentam fazê-la. Assim é a sala de aula: diariamente está perdendo a sua originalidade, deixando de ser um local de aprendizagem, reflexão, troca de conhecimentos, de experiências... Porquê está se convertendo num campo de batalhas no qual professores desmotivados travam uma guerra com alunos impregnados de armas sociais – tais como: violência doméstica, urbana, psicológica, entre outras armas. Eles chegam nas salas com intuito de brincar, se divertir para passar o tempo. Os professores, ao sair das universidades, levam consigo um sonho de poder contribuir com o processo de formação de alunos críticos, reflexivos para a sociedade e quando se deparam com realidade concreta, se decepcionam e ao invés de construir uma postura democrática acabam se transformando em um profissional menos comprometido, que passa por breves instantes pela sala para dar uma “espiada” e cumprir um contrato de trabalho sem se encontrar com a aprendizagem e as experiências dos alunos.

Diante disso, salientamos que são tantos os caminhos que professores e aluno se chocam, se confundem, se perdem, não se entendem; e a verdadeira educação vem perdendo terreno para a educação burocrática que se agiganta em escolas repletas de muralhas e grades... De professores virtuais, de alunos onipresentes. O professor, centralizador do conhecimento, foi murchado, obrigado a ceder espaço para o professor mediador, que na verdade, medeia o tempo na sala de aula, à espera do passar do próprio tempo.

“O verdadeiro amor não se conhece por aquilo que exige, mas por aquilo que oferece”.

(Jacinto Benavente)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FITA, E. C. O professor e motivação dos alunos. In: TAPIA, J.A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: O que é, como se faz.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999, p. 65 a 135.

FLAVELL, Jonh H. **A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget.** Tradução: Maria Helena Souza Patto. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

HUERTAS, J. A. **Motivación:** querer aprender. Bueno Aires: Aique, 2001

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem:** estudos e proposições. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PERRENOUD, Philippe. **Dez Novas Competências para ensinar.** Tradução: Patrícia Chittone Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SOUZA, E. M. **Problemas de Aprendizagem.** Crianças de 8 a 11 anos. Bauru: ED SC, 1996.

TORRE, J. C. Apresentação: a motivação para a aprendizagem. In: TAPIA, J. A. FITA; E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** 4 ed. São Paulo: Loyola, 1999, p. 7 a 10.